



EDITORIAL

É com muita satisfação que apresentamos o número 53 (Edição de 2019/1) da Revista BARBARÓI, vinculada ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul (DCH/UNISC).

A Revista BARBARÓI constitui um espaço editorial em Ciências Humanas e Sociais, Ciências da Saúde e Filosofia. Tem compromissos com a reflexão teórica e atualizada de temas de interesse que se cruzam nas áreas da Filosofia, da Psicologia, do Serviço Social, da Antropologia, da Sociologia, da Ciência Política, do Planejamento Urbano, da Demografia e do Desenvolvimento Regional. Nesse sentido, a BARBAROI promove o debate interdisciplinar, com intuito de contribuir para o desenvolvimento dos saberes, publicando resultados de pesquisas, relatos de experiências, ensaios, em temas vinculados aos campos de conhecimento de seu interesse.

Nesta quinquagésima terceira edição, como é de praxe, colaboraram pesquisadores de diferentes áreas de saber. São dezesseis artigos abordando estudos e reflexões que tratam temáticas relacionadas, principalmente, à participação sociopolítica, à educação, ao trabalho e à organização do trabalho e às políticas de saúde mental.

No primeiro bloco, dois artigos contribuem para o debate acerca da participação sociopolítica num período mais recente na sociedade brasileira, em especial a partir das mobilizações de 2013.

No primeiro deles, “Política e Protesto no Brasil Recente: as manifestações de junho de 2013 nas ruas de São Paulo”, **José Carlos Martines Belieiro Júnior** e **Ezer Azael Moreira Lopes** analisa as mobilizações ocorridas em junho de 2013 na cidade de São Paulo, destacando a importância histórica daquelas mobilizações nos ciclos de protestos que ocorrem no Brasil a partir dos anos 1980. O autor situa as mobilizações de junho de 2013 em sua dimensão ideológica, identificando a dinâmica política e ideológica que se fez presente nas diferentes fases que caracterizaram aquelas mobilizações, desde quando as ruas foram tomadas a partir da

pauta das tarifas de ônibus, até quando a hegemonia discursiva passou a estar vinculada à corrupção política.

No segundo artigo, “Participação Política Juvenil: produção de sentidos no contexto de ocupações de universidades públicas”, **Demyhellen Araújo Souza Aragão, Érika de Sousa Mendonça, Kerollayne Cavalcante Gominho e Nathalia Regina Rodrigues Rocha de Santana** analisam os movimentos de ocupação, protagonizados por estudantes de universidades públicas no Brasil e ocorridos no segundo semestre de 2016. Para as autoras, aquelas ocupações são expressões importantes das lutas estudantis no Brasil num período mais recente, em especial contra determinadas políticas governamentais propostas e/ou implementadas (como, por exemplo, a Proposta de Emenda Constitucional 241 ou 55 e a Proposta de Reforma do Ensino Médio, ambas aprovadas durante o governo de Michel Temer). E foi esse contexto político e de mobilizações que motivaram as autoras à realização de uma pesquisa, com o objetivo de analisar sentidos de participação política construídos por jovens que vivenciaram o movimento de Ocupação em universidades públicas. A pesquisa foi realizada em duas universidades, localizadas no interior do estado de Pernambuco, onde ocorreram movimentos de ocupação. A partir da pesquisa, as autoras constataram que as ocupações não conseguiram atingir suas principais reivindicações. Porém, as atividades de formação política e a interação entre ocupantes, o convívio com posições contrárias e com a sociedade, revelaram que a coletividade vivenciada construiu sentidos de ação política através do diálogo e dos tensionamentos cotidianos, das implicações em movimentos que se deslocam do si-mesmo em direção ao outro, gerando mudanças subjetivas e marcando a história do movimento estudantil brasileiro.

O segundo bloco está formado por seis artigos que propõem reflexões sobre temáticas relacionadas ao campo da educação.

No primeiro deles, “Trabalho Docente: valorização ou intensificação e esvaziamento da profissão?”, **Élida Furtado Nascimento, Luís Alberto Lourenço Matos e Marli Lúcia Tonatto Zibetti** analisam o lugar dos docentes nas políticas educacionais de cunho neoliberal, discutindo a valorização da educação escolar e dos professores na formação humana, como forma de enfrentamento à intensificação e esvaziamento do trabalho docente. A partir de autores que problematizam a influência neoliberal nas políticas educacionais, os autores propõem, com base num aporte teórico da Psicologia Histórico-Cultural, uma reflexão sobre possíveis formas de enfrentamento às ideologias neoliberais de desvalorização dos docentes.

No segundo, “Os Resultados da Hermenêutica à Compreensão das Pesquisas em Educação”, **Elaine Conte e Cristine Gabriela de Campos Flores** mapeiam as implicações metodológicas do debate hermenêutico como possibilidade compreensiva para o avanço das

pesquisas em educação. O texto inicia discutindo o paradigma da modernidade e faz uma crítica às concepções tradicionais de linguagem, tendo em vista a sua incompatibilidade com algumas pesquisas das áreas das ciências humanas. Em seguida, discorre sobre as especificidades da pesquisa em educação no Brasil, tecendo interpretações sobre os fenômenos socioeducativos. Por fim, apresenta o rigor conceitual da hermenêutica que propõe questionar o sentido das teorias e ações pedagógicas no âmbito da pesquisa, a fim de (des/re) contextualizá-las às práticas educativas.

No terceiro, “Sociedade, Educação e Desigualdades: um balanço teórico-empírico”, **Bernardo Caprara** discute as relações entre sociedade, educação e desigualdades, resgatando as contribuições de teorias e pesquisas sobre a temática. A partir da revisão bibliográfica realizada, o autor propõe organizar um balanço teórico-empírico acerca de uma das relações mais marcantes nos debates sobre os fenômenos educacionais da modernidade: a relação entre sociedade, educação e desigualdades.

No quarto, “Funcionalidades Carpintadas: imaginários cambiados entre escola e comunidade”, **Luciano Plez Melo** e **Leila Maria Ferreira Salles** apresentam os resultados de uma pesquisa realizada numa escola pública do distrito de Igarai, no município de Mococa (São Paulo), com o objetivo de analisar possibilidades de percepção de imaginários e funcionalidades erigidas sobre e para a unidade escolar. Tomando como referência empírica documentos produzidos pela unidade escolar, referências documentais sobre o distrito e entrevistas concedidas por atores envolvidos na constituição da vida escolar, os autores destacam a presença de localidades interpenetradas e em movimentos diversos, assíncronos, cujas próprias funcionalidades declaradas e imaginadas mantêm-se precariamente sob constantes negociações.

No quinto, “Comissão Setorial de Avaliação do Colégio Politécnico (UFSM): diagnóstico orçamentário-financeiro”, **Juliano Molinos de Andrade**, **Adriane Terezinha Filipetto**, **Olga Etelvina da Costa Rohde** e **Francisco Nilton Gomes de Oliveira** analisam o diagnóstico orçamentário-financeiro da Comissão Setorial de Avaliação do Colégio Politécnico, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (no Rio Grande do Sul), a fim de identificar as ações da referida Comissão no direcionamento dos recursos financeiros. A partir da análise realizada, os autores apresentam um instrumento informacional que tem como finalidade auxiliar na busca por mecanismos que estimulem a contínua melhoria de todo o planejamento dos processos de ensino e aprendizagem.

No sexto, “‘Meu Mundo Interior – Sentimentos’: relato de experiência de estágio em psicologia escolar”, **Fernanda Brugnera** e **Naiana Dapieve Patias** apresentam uma

experiência de estágio, realizado em uma escola privada de ensino fundamental de um município do norte do Rio Grande do Sul. O relato das autoras permite perceber como, a partir do estágio, foi possível construir um projeto de intervenção (denominado “Meu mundo interior – Sentimentos”), no qual participaram crianças de três turmas do segundo ano do ensino fundamental, possibilitando a essas crianças espaços/tempos de reconhecimento, de verbalização e de expressão de sentimentos diversos.

Um terceiro bloco, formado por três artigos, aborda temáticas relacionadas à saúde mental.

No primeiro deles, com o título “Política de Saúde Mental no Brasil: alguns apontamentos”, **Elayne Karoline Bezerra da Silva** analisa a trajetória das políticas sociais no Brasil a partir da década de 1930, com ênfase nas políticas de saúde mental, identificando suas principais características e os desafios que permeiam esta política no contexto social atual. A autora registra que o sistema de proteção social brasileiro, mesmo diante dos significativos progressos quanto a ampliação dos direitos sociais, ainda é definido como um sistema de não redistributividade. Essa característica, destaca a autora, é expressão histórica de uma construção de políticas públicas orientada pela centralização política e financeira no governo federal, pela fragmentação institucional, pela exclusão da população dos espaços de participação, pelo autofinanciamento social, pela privatização e pelo clientelismo.

No segundo deles, “Rede, Instituições e Articulação: desafios e possibilidades para a intersetorialidade na política de saúde mental”, **Sofia Laurentino Barbosa Pereira** e **Simone de Jesus Guimarães** discutem a intersetorialidade na Política de Saúde Mental a partir da análise do projeto “Rede, Instituições e Articulação”, existente na cidade de Teresina, no Piauí. As autoras realizaram uma pesquisa em serviços que compõem a RAPS, a rede socioassistencial e as redes sociais informais do território Sul de Teresina, envolvendo uma amostra de 12 cenários, sendo 08 da Política de Saúde (CAPS II Sul, CAPS III, SRT Sul, NASF Sul, MDER, HAA e Gerências de Saúde Mental do Estado e do Município) e 03 da Política de Assistência Social (CREAS Sul, CRAS II e III). Ao final, as autoras concluem que, apesar da análise ter sido construída a partir de uma experiência local, os resultados contribuem para mostrar a possibilidade da realização de um trabalho conjunto pautado na integralidade e na intersetorialidade, possibilitando o enfrentamento conjunto das problemáticas que perpassam a vida da pessoa com transtorno mental e que demandam uma atenção intersetorial.

No terceiro deles, “Laços com a Loucura: a cidade como espaço de promoção de saúde mental”, **Luisa Susin dos Santos**, **Camila Klein**, **Ana Lucia Mandelli de Marsillac** e **Ariane Kuhnen** tematizam a relação da cidade com a loucura, analisam o espaço público com suas

normas e desvios e refletem sobre o cuidado em saúde mental. Abordam o dispositivo do Acompanhamento Terapêutico em sua perspectiva antimanicomial e de fortalecimento do cuidado em liberdade. E dialogam com a perspectiva da psicologia ambiental e da psicanálise, para refletir sobre essa complexa trama entre loucura, cidade, laço social e saúde mental.

Na sequência, dois artigos abordam questões relacionadas ao trabalho e à organização do trabalho.

No primeiro deles, “Avanços e desafios do trabalho associado em processo de autogestão”, **Tiago de Garcia Nunes** pergunta se o processo autogestionário presente em Organizações de Trabalho Associado impulsiona transformações cotidianas das relações de trabalho, relacionando-se com uma perspectiva mais ampla de lutas políticas e de emancipação no e a partir do trabalho. Nessa direção, o autor problematiza os limites e as possibilidades da autogestão como mediação para aprimorar o processo de consciência e autodeterminação dos/as trabalhadores/as.

O segundo deles, “A qualidade de Vida dos Profissionais da Enfermagem que Atuam no Centro Cirúrgico”, **Maurício Roxkow Fraga, Prislá Ücker Calvetti e Alexandre Ramos Lazzarotto** analisam os domínios da qualidade de vida dos profissionais da enfermagem que atuam nos centros cirúrgicos de quatro hospitais do Rio Grande do Sul. A pesquisa realizada pelos autores (na qual participaram 125 profissionais da enfermagem, distribuídos entre 48,8% do bloco cirúrgico, 30,4% da central de materiais e 20,8% na sala de recuperação anestésica) permitiu identificar que os oito domínios avaliados (capacidade funcional, aspectos físicos, dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais, aspectos emocionais, saúde mental) obtiveram escore superior a (>50,0); porém, “estado geral de saúde”, “vitalidade” e “dor” apresentaram os menores escores. Nesse sentido, o estudo revela aspectos importantes sobre a interferência na qualidade de vida dos profissionais, apontando fatores com possibilidade de melhorias entre os domínios avaliados.

E, por fim, os três artigos finais abordam temas relacionados à experiência do olhar sobre as cidades, à contribuição do Serviço Social no campo da saúde e aos aportes epistemológicos na Psicologia.

Em “Perder-se na Cidade, Encontrar-se com o Tempo”, **Ricardo Giacconi, Erica Franceschini e Tania Mara Galli Fonseca** analisam questões relativas à experiência do olhar e da sua possibilidade em extrapolar o campo do visível para encontrar elementos presencialmente ocultos, que guardam a capacidade de se tornarem visuais quando coadunam as linhas do passado com as do presente. No caso, os autores tratam de sua experiência como arquivistas no Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto

Alegre (RS), e estabelecem conexões entre o espaço e os conceitos referentes ao olhar em sua relação com o tempo enquanto memória e esquecimento, surgindo como uma possibilidade de habitar e compor-se com os arquivos de imagens que ali são produzidos.

Deise Seibert, Fernanda da Rosa Nunes Mangini e Sheila Kocourek, em “A Alta Social como Dispositivo de Proteção Integral na Saúde: contribuições do Serviço Social”, tematizam a alta social, tomando como referência empírica o Serviço Social de um Hospital-Escola, num município localizado na Região Central do Rio Grande do Sul. Mediante a realização de um projeto de intervenção que concebe a alta social como um procedimento desenvolvido pelo Serviço Social, verificam resistências, sobretudo pelo modelo biomédico ainda hegemônico, que desconsidera aspectos importantes que compõe o cotidiano dos sujeitos.

E **Andre Elias Morelli Ribeiro**, em “Problemas de Epistemologia entre Piaget e Maturana”, propõe uma análise comparativa e crítica de duas perspectivas epistemológicas presentes na Psicologia: a Epistemologia Genética de Jean Piaget e a Teoria da Autopoiese de Humberto Maturana. Nessa direção, o autor analisa elementos que definem ambas as perspectivas epistemológicas e, ao final, destaca que, dentre as principais diferenças entre tais perspectivas, estão aquelas relacionadas à abordagem sobre a natureza da relação sujeito/objeto, aos pressupostos do funcionamento dos seres vivos e à ontologia.

A finalizar essa apresentação do número 53 da Revista BARBARÓI, queremos agradecer a todos os que tornaram esta edição possível, em especial aos/às colegas do Departamento de Ciências Humanas, pelo sempre espaço de acolhimento e de reflexão; à Eduarda Borstmann, pelo trabalho de revisão e layout final; aos/às pareceristas, pela sempre prestativa colaboração com a Revista; e, sobretudo, aos autores e às autoras, pela contribuição não somente à Revista, mas, fundamentalmente, ao debate acadêmico e científico nos campos de interesse e contemplados pelas publicações da BARBARÓI.

Fica o convite para que acompanhem as próximas publicações da Revista, pois ainda durante esse segundo semestre de 2019 estão previstas as publicações de três números: o número 54, referente ao período 2019/2, e dois números especiais, que estão sendo organizados com o objetivo de homenagear o Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul (que, a partir de 2020, em decorrência de uma “reestruturação administrativa” que ocorre atualmente na UNISC, deixará de existir). Através das publicações desses dois números especiais da BARBARÓI, então, pretende-se registrar a contribuição científica dos professores do Departamento de Ciências Humanas (que atuam atualmente ou que já atuaram no Departamento), mas, também, contribuir para a reflexão sobre o processo histórico de construção dos campos da filosofia e das ciências humanas e sociais numa experiência de

Universidade Comunitária localizada no interior do Rio Grande do Sul, como é o caso da UNISC.

Desejamos a todos e a todas uma boa leitura.

Marco André Cadoná

Editor da BARBARÓI